

deus da dor  
série legado dos deuses, livro dois  
rina kent

Tradução de Susana Clara

*Para um amor que é nutrido pelo prazer e intensificado pela dor.*





## NOTA DA AUTORA

Olá, caro leitor,

Se nunca leu os meus livros, talvez não saiba, mas escrevo histórias sombrias que podem ser perturbadoras e inquietantes. Os meus livros e as personagens principais não são para os que se impressionam facilmente.

Este livro aborda temas sensíveis, como abuso infantil e pensamentos suicidas. Acredito que conheça os seus gatilhos antes de prosseguir.

*Deus da Dor* é um livro que pode ser lido de forma INDEPENDENTE.

Para mais informações sobre a Rina Kent,  
visite [www.rinakent.com](http://www.rinakent.com)

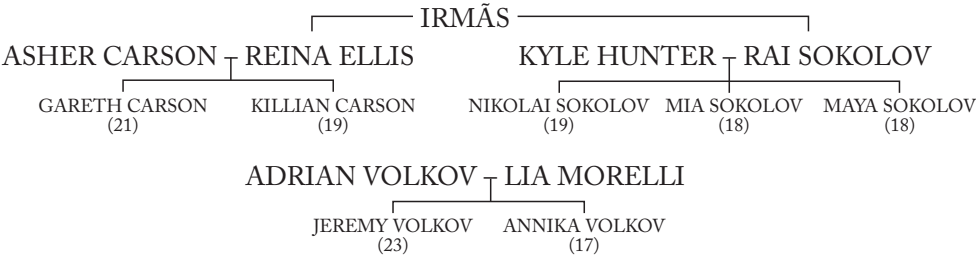


# ÁRVORE DO LEGADO DOS DEUSES

## UNIVERSIDADE ROYAL ELITE



## FACULDADE KING’S U





## SOBRE ESTE LIVRO

Cometi um erro terrível.

Sendo uma princesa da máfia, eu sabia que o meu destino já estava decidido.

Mas teimei e desejei ardentemente o homem errado.

Creighton King é uma carga de problemas com um exterior lindo. Ele é calado, pensativo e, obviamente, emocionalmente indisponível.

Então pensei que tudo tinha acabado.

Até que ele desperta uma fera dentro de mim.

O meu nome é Annika Volkov e sou a pior inimiga de Creighton.

Ele não vai parar até me quebrar.

Ou até eu o quebrar.



## ***PLAYLIST***

*The Death of Peace of Mind* — Bad Omens  
*Karma Police* — Radiohead  
*Therapy* — VOILÀ  
*Drinking with Cupid* — VOILÀ  
*Bad Habits* — Ed Sheeran & Bring Me The Horizon  
*A Way to Restart* — Colours in the Street  
*In Circles* — Holding Absence  
*Same Team* — Alice Merton  
*All the King's Men* — The Rigs  
*Empty* — Letdown  
*Half the World* — Arcane Roots  
*Beyond Today* — James Gillespie

Pode encontrar a lista de reprodução completa no Spotify.



# UM

## *Annika*

**E**stá uma pessoa lá fora.  
Ou talvez várias.  
O som da sua respiração áspera vem do exterior do quarto, subindo e subindo em *staccato*, como o de um animal ferido encurralado.

Um animal selvagem.

Os meus olhos abrem-se de repente e eu saio da cama a cambalear, ajeitando o cabelo para que me caia pelas costas. Depois, puxo para baixo a minha camisa de dormir roxa que mal me tapa o rabo.

As sombras permanecem no canto, contorcendo-se e gemendo como feras famintas. A única luz vem da lâmpada da varanda, que deixo sempre acesa. Não estendo a mão para o interruptor da lâmpada, nem sequer tento tocar-lhe.

Algo me diz que, se iluminar o que quer que seja que está à espreita lá fora, a situação vai tomar um rumo bastante feio.

Os meus passos são inaudíveis — isso é-me natural. Mas manter-me calma, não.

É impossível controlar os tremores que me percorrem os membros ou o suor que escorre pelas minhas costas, fazendo a minha camisa colar-se à minha pele sobreaquecida.

Isto é esquisito.

A mansão do meu irmão deveria ser o lugar mais seguro do *campus* e o segundo mais seguro do mundo, depois da nossa casa em Nova Iorque.

É por isso que ele insiste que eu passe *certas* noites aqui. Não me intrometo nos assuntos dele, mas sei o que essas noites envolvem — caos, desordem, o massacre de pobres almas.

Por isso, o melhor lugar para me manter protegida é literalmente debaixo da asa dele, com uma dúzia de seguranças a vigiar-me.

Conhecem aquela torre de marfim onde a Rapunzel estava presa? O meu quarto no complexo dos Heathens — o clube do meu irmão, infestado de anarquia — é a personificação dessa torre.

Porra, até há seguranças por baixo da varanda; por isso, mesmo que eu tentasse descer pela árvore, seriam eles a apanhar-me. Mostrariam uma cara zangada, grunhiriam e reportariam as minhas ações ao meu irmão e ao meu pai.

*Caramba.*

Mas, vendo pelo lado positivo, estou protegida. Estou protegida desde o dia em que nasci na família Volkov.

E eu *sou* uma Volkov.

Quase me rio do arrepio de medo que se recusa a abandonar o meu corpo. Noutro lugar qualquer, não sei. Mas aqui, estou segura.

*Muito bem, seja lá o que for que esteja a espreitar lá fora, é bom que seja um pássaro ferido ou algo trivial. Caso contrário, que se prepare para morrer.*

As cortinas da varanda esvoaçam para dentro, o tecido branco tingido da cor da noite e da luz ténue.

Paro a poucos passos de distância. Será que abri a porta da varanda ontem à noite?

Não. Não abri.

A abordagem lógica seria dar meia-volta e correr para a porta, chamar o meu irmão ou qualquer um dos seus homens e esconder-me na minha gaiola dourada.

Mas esse é o problema.

O meu traço tóxico é a curiosidade, como se, na verdade, eu não conseguisse dormir à noite sem saciar essa sede de saber.

O quarto espaçoso, com as suas almofadas fofas, lençóis roxos, papel de parede brilhante e tudo o que é glamoroso e bonito, desvanece-se lentamente em segundo plano.

A luz suave da varanda é a minha única bússola enquanto dou um passo em frente.

O destino opera de maneiras misteriosas.

Desde pequena, eu sabia que não seria sempre uma princesinha protegida a lutar pela aprovação da família. Que, um dia, algo viria atrás de mim quando menos esperasse. Só não sabia o quê — nem o que isso implicaria.

Com toda a certeza, não pensei que começaria na mansão mega segura e cheia de seguranças do meu irmão.

No momento em que estendo a mão para a porta de vidro entreaberta, uma figura escura desliza lentamente para dentro do quarto.

Pulo para trás, batendo com a mão no peito.

Se não tivesse visto o movimento ágil através da porta de correr da minha varanda, teria pensado que aquela pessoa — um homem, a julgar pela sua constituição — fora recortada da noite.

Está todo vestido de preto. Calças de fato de treino, uma camisola de mangas compridas, sapatos, luvas e uma máscara meio sorridente, meio chorosa.

Um arrepio serpenteia sob a minha pele enquanto fixo o olhar nos detalhes da máscara. A metade chorosa é preta e a sorridente é branca. A fusão das duas é assustadoramente inquietante.

Todo ele é.

A cor sombria das roupas não esconde o relevo dos músculos por baixo da camisa, nem diminui o poder absoluto da sua presença silenciosa.

É alguém que se exercita — o peito coberto de músculos, o abdómen definido —, mas não é corpulento.

Apenas musculado o suficiente para exalar autoridade só por estar ali parado.

Também é alto. Tão alto que tenho de esticar o pescoço para o ver por inteiro.

Bom, eu sou baixinha e pequena. Mas ainda assim. Normalmente, não preciso de fazer um esforço tão grande para olhar para as pessoas.

Encaramo-nos durante um momento, como dois animais antes de se lançarem à garganta um do outro.

Os dois orifícios na máscara assustadora revelam os seus olhos — escuros, mas não pretos nem castanhos; mais parecidos com a escuridão do oceano.

E eu agarro-me a essa cor, a essa interrupção na aura negra.

Também tenho outra característica tóxica, que é ver o lado bom das pessoas, não deixar que o mundo me endureça ao ponto de já não conseguir sentir empatia por ninguém.

É uma promessa que fiz a mim mesma quando descobri em que tipo de mundo nasci.

Os meus membros continuam a tremer, o ritmo a acompanhar os batimentos cardíacos acelerados.

Ainda assim, forço um tom alegre e descontraído:

— Talvez se queira ir embora antes que os seguranças o encontrem...

As palavras morrem-me na garganta quando ele avança na minha direção. Um passo imponente de cada vez.

Lembram-se de eu ter dito que a presença dele impunha respeito? Estou a testemunhar os efeitos disso, em primeira mão.

Enganei-me.

Não é apenas poder; é intimidação na sua forma mais pura.

Um oceano a gemer e a rugir, prestes a libertar a sua fúria.

Nem me apercebo de que recuei até ele avançar novamente.

Desta vez, mantenho-me firme e encaro-o.

— Como eu estava a dizer, talvez fosse melhor ir-se embora...

O peito dele quase colide com o meu quando, num movimento rápido, elimina a distância entre nós. O calor mistura-se com algo picante e com o cheiro de fuligem. Terá estado perto de uma fogueira, ou algo do género?

Ele dá mais um passo e eu, instintivamente, recuo. Ou isso, ou deixo-o colidir comigo e varrer-me como um tornado.

— A sério, sabe de quem é esta casa? — A minha voz já não tem nada de alegre e há muito que combina com o tremor dos meus membros. — Tem vontade de morrer?

Não estou preparada para o que acontece a seguir.

Num movimento rápido, ele espalma a mão enluvada contra a minha boca e empurra-me para trás.

As minhas costas embatem na parede com um estalido, e deixo escapar um grito abafado.

O som ecoa no ar com o tom assustador de uma canção de embalar assombrada.

A máscara está a poucos centímetros do meu rosto, como um episódio dos meus pesadelos mais profundos e sombrios.

É acentuado pela proximidade do corpo dele contra o meu e pelo forte cheiro a couro.

É tudo o que consigo respirar.

E ele é tudo o que consigo ver. Na verdade, os seus olhos são azuis, mas têm bordas pretas.

Como uma criatura mítica.

Já vi estes olhos em algum lado. Mas onde?

Será errado querer ver o que está por baixo da máscara? Simplesmente arrancá-la e descobrir se ele é a metade chorosa ou a sorridente?

Talvez ambas?

Quanto mais o observo, mais a minha respiração falha e o seu calor penetra nos meus ossos.

Não. Não pode ser.

Não é quem estou a pensar.

Só para ter a certeza, levo a mão à máscara, à espera de que ele a afaste.

Para minha surpresa, ele não se mexe. Os meus dedos deslizam pela borda do sorriso congelado. Mas já não o vejo como algo aterrador — é apenas uma máscara.

Uma camada monstruosa.

Um enigma de sentimentos.

*És tu?*, pergunto-lhe com os olhos, e os dele estreitam-se ligeiramente em resposta.

Tento retirar-lhe a máscara, mas, antes que consiga, ele afasta-me a mão. O meu braço cai inerte ao lado do corpo, mas tenho quase a certeza de que o meu palpite está correto.

Tenho poucas certezas, mas reconheceria estes olhos em qualquer lado, até mesmo num universo alternativo.

Um estrondo chega do exterior.

Ambos ficamos imóveis.

O som repete-se, e percebo que vem da porta do meu quarto.

— Menina, está acordada?

Um segurança.

A voz, com sotaque russo, volta a ouvir-se, acompanhada por outro estrondo.

— Houve uma intrusão. Está tudo bem consigo?

Fito os olhos do estranho mascarado.

Não, não é um estranho.

Ele é muito mais do que isso.

Ainda estou a tremer, mas por um motivo completamente diferente.

— Mmm — solto um pequeno som abafado.

Ele aperta-me a boca com mais força, invadindo o meu espaço com a certeza de um furacão. Os meus seios roçam o seu peito firme a cada inspiração.

— Menina? Vou entrar.

Agarro o braço do intruso e imploro-lhe com os olhos.

Ele estreita os seus, até parecerem fendas, mas, lentamente, desliza a mão da minha boca.

Mantém-na suspensa no ar, a pairar por perto, provavelmente para me calar novamente, caso eu grite por ajuda.

Mas aí é que está, eu não preciso de ajuda, porque ele não é uma ameaça.

Ou, pelo menos, no passado, não o era. Nesta situação... já não tenho tanta certeza.

— Estou bem! — digo, alto o suficiente para o segurança ouvir. Fico surpreendida por não gaguejar nem parecer nervosa, tendo em conta a situação.

A porta abre-se ligeiramente, mas permanece entreaberta enquanto a voz do guarda chega até mim:

— Vou entrar para me certificar, menina.

— Não! Eu... estou nua.

O segurança pigarreia, e quase consigo imaginar a sua expressão embaraçada. Ele sabe que a sua cabeça estaria em risco se me visse nua.

A menos que a minha vida estivesse em perigo.

O que não é o caso.

*Acho eu.*

— Estou realmente bem. Agora, vou voltar a dormir. Não me acorde.

Silêncio. Um, dois, três segundos...

— Muito bem, menina. Se se passar alguma coisa, o chefe virá vê-la.

A porta fecha-se e eu solto um longo suspiro.

Na inspiração seguinte, o meu peito roça o do não-estranho, e fico imóvel, a encará-lo.

— O chefe que ele acabou de mencionar é o meu irmão, e eu não o vou conseguir manter fora do quarto com a desculpa de «estou nua». Ele vai simplesmente entrar, de olhos fechados, pegar num lençol ou algo assim, atirá-lo na minha direção e fazer a sua busca. Ele é assim, impiedoso. Por isso, é melhor ir-se embora antes que ele chegue, se não quiser ter «Espancado até à morte» escrito na sua lápide. Ah, e vai ficar colado a mim durante muito tempo? Pode parecer que estou confortável, mas, na verdade, é sufocante ter alguém tão próximo.

Ele olha para mim, impassível, sem mostrar o mínimo sinal de estar impressionado ou desconcertado com a torrente de palavras que acabei de despejar. É um hábito de que me estou a tentar livrar, mas, na verdade, é mais difícil do que parece.

— Do que é que está à espera? — sussurro. — A sério, vá-se embora, antes que o Jeremy apareça. Se entrou pela porta da varanda sem ser visto, então volte pelo mesmo caminho. E, hum, talvez devolver-me o meu espaço em breve?

Ele estende uma mão enluvada para o meu rosto e acho que me vai calar outra vez, mas os dedos dele envolvem o meu queixo.

O gesto não é ameaçador, mas há um poder latente por trás dele.

Não, não é poder.

*É controlo.*

Ele exala controlo, até ao ponto de me deixar sem ar.

O seu polegar desliza pelo meu lábio inferior, que se entreabre — assim, sem mais nem menos.

O meu coração dispara, e acho que talvez esteja a sonhar ou algo assim.  
Talvez tenha imaginado tantos cenários no meu cérebro distorcido que um deles esteja, afinal, a tornar-se realidade.

Caso contrário, porque é que ele me tocara, se nunca o fez antes?

E ele não está a tocar-me numa parte qualquer. São os meus lábios.

Ele vai beijar-me?

Antes que o pensamento se forme por completo, a sua voz ressoa no ar — grave, profunda e absolutamente familiar:

— Falas demais. Um dia, essa boca vai meter-te em sarilhos.

Depois solta-me, dá um passo atrás e desaparece pela porta da varanda com a mesma facilidade com que entrou.

As minhas pernas finalmente cedem e escorrego pela parede até ao chão.

Não há dúvida nenhuma.

Levo os dedos ao sítio onde ele me tocou há segundos. Bom, ele tinha luvas, por isso não foi propriamente um toque direto, mas ainda assim conta, certo?

Só que agora os meus lábios tremem, e o meu coração está em alvoroço.

É ele.

Aquele que eu não devia querer.



## DOIS

*Annika*

**T**enho a certeza de que ninguém entrou aqui?  
Tenho a certeza de que isso, na verdade, é uma realidade alternativa e que vou acordar a qualquer momento? Estou surpreendida por ninguém notar que estou a tremer por dentro?

Claro.

Tenho a certeza de que algo se passa comigo, porque coloco o meu sorriso mais radiante enquanto encaro o meu irmão.

O Jeremy, que acabou de irromper pelo meu quarto e agora paira sobre mim, é alto, musculoso, algo corpulento e uma cópia perfeita do nosso pai. Tipo, a sério — o papá merece nota máxima na arte de copiar e colar.

Ele também é seis anos mais velho que eu; por isso, com apenas dezassete anos, sou praticamente uma bebé. Vou fazer dezoito daqui a cerca de um mês e meio e, mentalmente, já me considero com essa idade.

Além disso, graças ao meu excelente desempenho académico, pude saltar um ano e ingressar na faculdade com esta idade — um facto de que o meu irmão não gosta nada.

Sempre foi como um tigre letal plantado à porta do meu quarto. Só consegui respirar quando ele foi para a universidade, alguns anos antes de mim.

Bom, *conseguir respirar* é um exagero, porque continuei sob a atenção e proteção ainda mais sufocantes do meu pai.

Foi por isso que me esforcei tanto para entrar na faculdade. Mas, claro, só me poderia candidatar à mesma faculdade onde o Jeremy estava. Caso contrário, teria de ficar em Nova Iorque.

O meu cérebro decidiu que o meu irmão era o menor dos dois males.

Vim para a ilha de Brighton no início deste semestre. Fica ao largo da costa sul do Reino Unido. Desde que me reencontrei com o meu irmão, aquela sensação subtil de sufoco, de ser vigiada e controlada a cada segundo, voltou.

Visto uma camisola por cima da camisa de dormir, porque, raios, não vou andar por aí só com esta camisa indecentemente curta à frente do meu irmão.

*Há pouco, isso não parecia ser um problema.*

Silêncio aquela vozinha interior e faço um gesto displicente com a mão.

— Estava a dormir profundamente até aquele segurança me vir acordar. Uma rapariga não pode usufruir do seu sono de beleza nesta casa?

Acertei em cheio.

A sério.

Se fosse qualquer outra pessoa, deixar-me-ia em paz, mas este é o Jer. Presidente dos Heathens, apelidado de demónio e herdeiro do império mafioso do nosso pai.

Lá em casa, todos aguardam que termine o mestrado e volte para ocupar o lugar que o espera no coração da Bratva de Nova Iorque.

Esta coisa da faculdade é apenas um trampolim para ele, uma forma de absorver o máximo de poder antes de regressar ao lugar onde pertence.

O seu olhar de falcão percorre o quarto todo, parando aqui e ali, como se conseguisse ver vestígios *dele*.

Como se ainda sentisse o cheiro do couro das suas luvas... ou o calor que emanava do corpo dele.

Os meus lábios tremem ao lembrar-me de como o intruso os tocou, e os meus ouvidos zumbem. O tipo bom de zumbido. Daqueles em que ainda consigo ouvir a voz dele na minha cabeça.

As suas palavras.

O meu Tchaikovsky — que é o meu deus, já agora, porque ele é a raiz da minha espiritualidade.

*Recompõe-te, Annika.*

— Não ouviste nenhum barulho? — insiste o Jer, com a persistência de um cão de caça a farejar a presa.

— Tirando a voz alta do segurança, não. O que é que se passa? Ele disse que houve uma intrusão?

— Sim. Houve uma tentativa de fogo posto no anexo.

— Fogo posto?

Putá que pariu. Eu sabia que aquele cheiro a fuligem tinha qualquer coisa a ver com um incêndio. Isso significa que foi ele?

Em vez de perguntar isso e deixar o Jer em alerta, limito-me a dizer:

— Estão todos bem?

A verdade é que esta mansão é o reduto dos Heathens, e os membros fundadores do clube, que são amigos do meu irmão, usam-na como se fosse a casa deles. Sem falar dos seguranças que cá vivem e de alguns funcionários.

Estou preocupada com a intrusão, mas não o suficiente para me esquecer dos outros. Mesmo que sejam tão selvagens como o meu irmão.

— Ninguém se magoou, e apagámos o fogo antes que consumisse o anexo — esclarece o Jeremy.

— Ufa! Ainda bem que não houve vítimas. — Por vários motivos. — Sabes quem é que fez isso?

— Ainda não, mas vou descobrir. — Ele dá um passo em frente. — Tens a certeza de que está tudo bem? Não precisas de nada?

— Sono de beleza, lembra-te?

Ele despenteia-me o cabelo, e um raro sorriso passa-lhe pelos lábios. Não consigo evitar sorrir também, sabendo perfeitamente que o meu irmão é um homem duro e que não devo tomar o seu carinho como garantido.

Tenho sorte de estar na pequena lista de pessoas com quem o Jeremy se importa.

— Desculpa ter interrompido o teu sono de beleza, Anoushka.

É assim que ele e o meu pai me chamam. *Anoushka*. Um termo carinhoso em russo, derivado do meu nome, Annika.

— Desculpas aceites, mas para de me despentear. Já não sou uma criança.

— Para mim, vais ser sempre uma bebezinha fofa.

— Jer!

— O quê?

— Já tenho idade suficiente para tomar conta de mim mesma.

— Não estou a ouvir o que estás a dizer.

Eu bufo.

— Está bem, mas amanhã posso voltar para o dormitório?

O Jeremy estuda na King's U, uma das duas universidades de elite da ilha de Brighton, financiada por dinheiro da máfia. A outra, a Universidade Royal Elite — ou URE —, foi fundada e é financiada por famílias britânicas milionárias de linhagem antiga.

As duas universidades e os seus alunos não se suportam.

Essa animosidade reflete-se no desporto e nas rivalidades entre clubes secretos.

Dizer que andam às turras seria o eufemismo do século.

Por isso, o facto de eu estudar na faculdade de Artes da URE e viver no dormitório deles nunca caiu bem ao meu irmão.

É por isso que, às vezes, insiste que eu fique aqui — na mansão dos Heathens, que ele partilha com os três amigos.

Ele diz que é para me proteger, mas é mais para me vigiar.

— Ainda não — diz ele, confirmando os meus pensamentos. — Fica aqui mais alguns dias.

— Mas, Jer...

— É para tua segurança.

Quero gemer de frustração, mas sou interrompida quando uma voz rouca se ouve do outro lado da porta.

— Que merda de rebuliço é este a meio da noite? Já não se pode dormir neste maldito lugar?

Um tipo alto, musculado e seminu entra no meu quarto, pontapeia uma caneta fofa e olha para nós com os seus olhos injetados de sangue.

Ou melhor, olha para o Jeremy.

O meu estatuto e apelido há muito tempo que me tornaram invisível aos olhos do Nikolai.

*Obrigada, Tchaikovsky.*

Ele é um tipo assustador, tem estatuto de príncipe da máfia e pertence à Bratva de Nova Iorque, tal como nós. O seu corpo tem tantas tatuagens que é impossível contá-las, e anda sempre em tronco nu. A sério, pergunto-me se ele veste mais do que calções para ir às aulas ou se também os agracia com a sua seminudez.

Encosta o corpo pesado à parede.

— Que raio é que está a acontecer?

— Fogo. — O meu irmão inclina a cabeça na direção do amigo. — E veste uma camisa.

— As camisas são sobrevalorizadas. Disseste fogo? Porque é que ninguém me acordou?

— Ninguém sabia onde estavas.

— Tens a certeza? Porque eu estava a dormir ao fundo da escada. Ou talvez atrás da escada. Não me consigo lembrar, porra.

— Se é que estavas a dormir.

— Que porra é que isso quer dizer?

O Jeremy despenteia-me o cabelo mais uma vez e sai do meu quarto com o Nikolai a reboque. Apesar de o Nikolai ser alguns anos mais novo do que o Jeremy, são amigos íntimos desde que se conheceram.

O meu irmão é o estratega silencioso, que só recorre à violência quando não tem outra opção. Já o Nikolai é o monstro descontrolado e sedento de sangue.

Enquanto observo as costas deles, não consigo deixar de sentir uma pontada de desconforto ao imaginar o tipo de futuro que os aguarda.

Um futuro cheio de sangue, guerras entre máfias e confrontos brutais.

O Nikolai encaixa perfeitamente nesse mundo — até parece ansiar por ele. Mas não quero imaginar o Jeremy assim.

Mesmo sabendo que ele pode ser muito pior.

— Quem foi o filho da puta? — pergunta o Nikolai ao Jeremy enquanto se afastam. — Vou foder-lhe a vida, queimar o cadáver dele e espalhar as cinzas em sangue.

— Tenho um palpite.

Dou por mim a dar um passo na direção da porta, mas o Jeremy lança-me um olhar que não consigo decifrar e fecha-a atrás de si.

Eliminando qualquer hipótese que eu tinha de ouvir o seu palpite.

Ele não pode ter descoberto que era *ele*.

Certo?

Sussurros abafados pairam à minha volta com a persistência de abelhas a zumbir.

O meu nome e o do Jeremy, bem como o nosso apelido, já foram murmurados uma dúzia de vezes.

Mesmo assim, sorrio a quem me olha nos olhos. Pergunto-lhes como estão, comento a roupa deles e digo-lhes que adorei a última publicação que fizeram no TikTok ou no Instagram.

Todos me retribuem o sorriso e, mesmo que continuem a falar de mim pelas costas, os comentários são quase sempre do género:

*Não acredito que ela é irmã do Jeremy Volkov. É tão querida.*

*Uma boneca.*

*Um amor.*

*Uma bacana.*

Sou a pessoa sociável, a relações-públicas da reputação do Jer, a candidata número um a porta-voz da família.

Dizem que a única forma de ser popular ou amada é passar por cima dos outros e ser má, mas eu acredito na simpatia.

Acredito em ser sociável pelo bem comum.

Agora, se ao menos conseguisse não deixar que a opinião dos outros me corroesse por dentro... isso, sim, seria perfeito.

Paro quando um braço se enrola em torno dos meus ombros.

— Ó. Meu. Deus. Estás viva, graças aos deuses e a todas as religiões!

A Ava dá uma volta completa ao meu redor — o que é meio cómico, considerando o enorme violoncelo que traz às costas.

Inspeciona cada centímetro do meu corpo, dando até umas palmadinhas no meu rosto para confirmar que sou mesmo eu.

Hoje, está vestida com uma saia cor-de-rosa e um *top* branco com um corte moderno. É a pessoa mais elegante que conheço — a seguir à minha mãe — e tem uma personalidade muito parecida com a minha.

Demo-nos bem desde o primeiro instante em que nos conhecemos, há cerca de dois meses, quando entrei na URE. Desde então, aproximei-me de todas as amigas dela. Ela e as raparigas até deixaram que me mudasse para o apartamento privado que têm no dormitório, apesar de eu ser a «americana» que simplesmente não entende a sua obsessão por peixe com batatas fritas.

Sorrio.

— Olá, tive saudades tuas.

Ela abraça-me e beija-me a bochecha.

— Tive tantas saudades tuas, cabra. Quais são as hipóteses de o teu irmão deixar de armar-se em patriarca idiota e permitir que voltes para o dormitório?

— Neste momento? Zero.

Ela solta um gemido e enlaça o braço no meu.

— Estás mesmo bem? Toda a gente ainda fala do incêndio na mansão dos Heathens.

— Eu estava a dormir profundamente. — Minto descaradamente. — Até que me acordaram com todo aquele barulho.

— Deve ter sido assustador. Não consigo imaginar acordar a meio da noite com a notícia de um ataque.

— Não lhe chamaria exatamente um ataque.

— Claro que foi. Devem ter ido atrás do teu irmão ou daqueles amigos selvagens dele. Tipo, a sério, como é que ele acha que aquele lugar é mais seguro para ti do que o nosso pequeno dormitório?

— Não faço ideia. — Talvez porque lá tenha todos os seguranças.

— Vamos pedir à Ces para falar com ele. Ela não tem medo nenhum daquela aura de senhor das trevas que ele emana... Por falar no diabo!

Chegamos ao refeitório onde costumamos almoçar. Nós, ou seja, a Ava, a Cecily, a Glyndon — as raparigas com quem divido o apartamento — e o Remington, o Brandon e... *ele*.

O rapaz de olhos cor de oceano e presença intimidante.

Mas, quando chegamos à mesa, a Cecily e o Remi estão a discutir por causa de umas batatas fritas, e o Bran está a tentar apaziguar. Não vejo nem a Glyndon nem *ele* em lado nenhum.

Tento ignorar o nó no peito, mas não consigo.

A Ava e eu sentamo-nos nos lugares vagos, e sorrio ao Bran quando os nossos olhares se cruzam.

— Onde é que está a Glyn?

— Surpreende-me que ainda perguntes por essa traidora, sinceramente — resmunga a Ava. — Provavelmente, está lá fora a levar com o «p».

O Bran empurra o prato para o lado, com o nariz franzido.

— Dispensava completamente essa imagem da minha irmã mais nova.

A Ava enfia uma batata frita na boca.

— Foi por isso que eu disse «p» e não pau.

O Remi desliza até nós com aquele ar despreocupado e um sorriso aberto.

— Alguém falou em pau?

— Oh, vejam só. Finalmente alguém reconhece o que é. — A Cecily cruza os braços sobre a *t-shirt*, onde está estampado um gato fofo com uma arma que dispara as palavras *Pum, pum, filho da puta*.

— Um só? — O sorriso do Remi alarga-se como o do Gato de Cheshire, mas nem isso diminui a sua beleza de rosto perfeitamente simétrico. — Diz a palavra, Ces. P-A-U. Não seas puritana.

Ela atira o seu cabelo prateado para trás.

— Puritana? Prefiro chamar-lhe ter limites.

— Bocejo. — O Remi finge adormecer. — Acordem Sua Senhoria quando esta croma começar a ter uma vida.

É assim que o Remi se intitula, «Sua Senhoria», por causa do sangue nobre. Enquanto todos os outros acham isso pura arrogância, eu acho adorável.

Ele tem a personalidade de um anjo despreocupado — embora a Ava e a Cecily insistam que é um demónio hedonista. O Remi foi uma das primeiras pessoas a acolher-me sem reservas, e nunca esquecerei isso.

— Para com isso. — O Bran dá-lhe uma cotovelada.

A Cecily já está pronta para a milésima discussão, mas, ao ver-me, recua.

— Oh, Anni. Estás bem?

— Ótima. A Ava já me fez o exame físico.

— Exato. — A minha amiga acaricia o seu violoncelo. — Está tudo bem, pelo menos por fora.

— Já sabem quem foi o responsável? — pergunta a Cecily.

— Não faço ideia. Sabes que eu não me meto nessas coisas. — Sorrio e tiro da mochila a minha marmita.

O meu TOC pode ser desencadeado por detalhes minúsculos e ridículos, como um dos recipientes da salada não estar perfeitamente alinhado com os outros.

O sangue pulsa-me contra a caixa torácica, e os sons da cantina começam a esbater-se.

Abro rapidamente os recipientes com comida saudável, organizo-os à minha frente e só volto a respirar quando tudo está perfeito.

O ruído do mundo exterior vai voltando, devagar, mas com firmeza.

— Quem é que poderá ter sido? — O Remi recosta-se na cadeira, tomando um gole do seu café gelado. — Aposto nos Serpents.

— Mas eles não são da mesma universidade? — pergunta a Ava. — O nosso clube é que costuma ter mais conflitos com eles.

O Bran abana a cabeça.

— Neste momento, os Elites não estão em maus termos com os Heathens. Já os Serpents, desde que foram humilhados no último ataque à sua mansão, estão mais propensos a querer vingança.

— Isso é tudo demasiado absurdo — diz a Cecily. — Alguém poderia ter ficado ferido naquele incêndio.

— Ninguém ficou — repito as palavras do Jeremy. — Podes ficar descansada.

— Mesmo assim. Não gosto nada disto. — Ela morde o lábio inferior, depois enfia a mão na mochila e tira uma caneta roxa com penas macias. — Encontrei isto na minha gaveta e já não a uso, por isso lembrei-me de ti, Anni.

Agarro nela com as duas mãos.

— Isso é tão fofo, obrigada!

— Sempre às ordens.

A conversa continua, centrada nas rivalidades entre os três clubes, dois da King's U — Heathens e Serpents — e um da URE — Elites.

Fala-se de guerras, de rivalidades, de vingança, mas não lhes presto muita atenção.

O meu olhar foge constantemente para a entrada, à procura daquela silhueta familiar. Estou quase a acabar de comer e nem sinal dele.

Também ninguém fala dele.

Por isso, forço um sorriso e pergunto num tom casual:

— A propósito, onde está o Creighton?

— Ah, o Cray Cray? — diz o Remi, entre goles ruidosos. — Provavelmente está a dormir algures. A minha criatura disse-me que não dormiu nada de jeito esta noite.

*Pergunto-me porquê.*

Outra coisa que adoro na personalidade do Remi é o facto de chamar «criatura» ao Creighton. São primos pelo lado materno, mas o Remi é o extrovertido que o adotou.

Deixo-os continuar a discutir o incêndio e as palhaçadas dos clubes e digo que já volto.

Provavelmente não volto, mas uma mentira inocente não prejudica ninguém.

Normalmente, nesta altura, estaria a caminho do abrigo de animais local, onde faço voluntariado sempre que não tenho aulas à tarde — mas hoje fica para mais tarde.

Depois de guardar os recipientes na mochila, saio discretamente do refeitório e encaminho-me para a faculdade de Gestão. Pelo caminho, cumprimento quem quer que diga olá ou olhe para mim.

Uma parte de mim sabe que muitas destas pessoas só querem cair nas minhas boas graças por causa da reputação infame do meu irmão e do estatuto de mafioso do meu pai, mas tudo bem.

Pelo menos a Ava e os outros gostam de mim por aquilo que sou, e não pelo meu apelido.

Apesar de algumas tentativas de alguns alunos, não paro para conversar. Compreendam, estou em missão.

Demoro exatamente dez minutos a chegar ao gazebo no jardim das traseiras da faculdade de Gestão.

E claro, está alguém deitado no banco, nas sombras.

Escondido dos transeuntes e olhares curiosos.

A única razão pela qual sei que ele está ali é porque o Remi me contou — responde a tudo o que eu quiser saber.

Paro e olho para o céu cinzento, sombrio, que tenta esconder o sol sempre que ele ousa espreitar por entre as nuvens.

O gazebo fica numa área isolada do jardim traseiro, onde quase nenhum aluno costuma ir.

Eu acho que é exatamente por isso que ele gosta deste lugar.

Inspiro profundamente e caminho o mais naturalmente que consigo. Mas, mesmo que o mundo não consiga ver, sinto a rigidez nos meus passos. O peso no peito. O tremor nos lábios.

*Recompõe-te, Annika.*

O rapaz deitado no banco, com uma perna fletida e uma mão por baixo da cabeça, parece tranquilo.

Está vestido com calças de ganga descaídas da cintura e uma camisola com capuz que está puxada para cima, revelando um pouco do seu abdómen e dos músculos bem definidos.

Engulo em seco, e forço o meu olhar a focar-se no seu rosto.

O que não ajuda nada.

O seu rosto é nada menos do que majestoso. Ele tem o tipo de beleza que atrai sem palavras. Maxilar vincado, maçãs do rosto altas e lábios bem definidos.

O cabelo castanho, curto dos lados e mais comprido em cima, está despenteado, como se tivesse passado os dedos por entre as madeixas — e é, honestamente, o penteado mais bonito que já vi.

Sempre me perguntei como seriam ao toque aqueles fios mais longos.

*Perguntei-me.*

Foi tudo o que fiz desde que conheci este enigma. Perguntei-me, imaginei, sonhei.

Mas tudo isso desabou numa realidade sombria.

Ele não quer nada comigo. Ou, pelo menos, era o que eu pensava.

A verdade é que o seu desinteresse deveria deixar-me feliz. É o melhor, considerando que o meu destino foi traçado no dia em que nasci.

Não quero, de todo, que ele se magoe por minha causa.

Mas, em momentos como estes, dou por mim a aproximar-me, esticando a mão para suavizar aquele vinco entre as suas sobrancelhas grossas.

Quero fazê-lo desaparecer.

Num piscar de olhos, uma mão agarra a minha e eu engulo em seco quando ele abre lentamente os olhos.

Azul intenso, com bordas pretas.

Os mesmos olhos do homem mascarado que me visitou ontem à noite.



# TRÊS

*Annika*

**N**ão consigo respirar como deve ser.  
Nem sequer consigo pensar como deve ser.  
Tenho vindo a imaginar este momento desde que reconheci aqueles olhos. Olhos de oceano, de cor mutável, com uma heterocromia rara que nunca vi em mais ninguém.

É esse o nome dado aos anéis pretos ao redor dos seus olhos azuis. Heterocromia. Uma imperfeição perfeita que faz parte de quem ele é.

Foi a primeira coisa que me chamou a atenção. E, embora muita gente diga que é fácil captar a minha atenção, ninguém sabe que é praticamente impossível mantê-la.

Sim, continuo a tratar as pessoas com simpatia, a lembrar-me dos seus nomes e a perguntar-lhes pela última publicação nas redes sociais, mas tudo isso faz parte de um comportamento ensaiado. O que quer que me tenha atraído nelas ao início, já murchou e morreu há muito.

O Creighton é a exceção a esse fenómeno. O meu interesse por ele começou como com qualquer outra pessoa — leve, normal. Impessoal.

Pouco a pouco, foi crescendo até se tornar nesta curiosidade voraz, poderosa, que me varreu de dentro para fora.

A atenção que lhe dedico nunca esmoreceu. Na verdade, tornou-se mais intensa a cada encontro, a cada olhar roubado. A cada toque.

Embora nunca tenham sido toques de natureza sensual.

Ao contrário de agora.

A minha mão formiga na do Creighton, ou melhor, o dedo que estendi. É tudo o que ele está a segurar — ou a esmagar na palma da mão. Um simples dedo.

Ele afasta-o para longe do rosto e depois deixa-o cair, como se fosse um objeto sem importância. Por baixo da indiferença aparente, o que se adivinha no olhar dele é ainda pior — repulsa.

Uma pressão familiar aperta-me o peito, seguida por uma dor subtil por trás das costelas.

Alheio ao tremor no dedo que acabou de afastar, o Creighton ergue-se num salto e senta-se com um movimento brusco. Tenho de dar um passo atrás para não colidir com ele.

O meu Tchaikovsky.

Ele precisa mesmo de parar com estes movimentos bruscos.

Ou então sou eu que devia aprender a mover-me com menos sobressaltos.

Abraçando a minha mochila, sento-me ao lado dele e exibo o meu melhor sorriso.

— Olá! Não te vi ao almoço, por isso pensei que talvez estivesses com fome.

Ele não responde, mas também não precisa. Por mais que eu tenha tentado arrancar-lhe palavras nas poucas semanas que o conheço, cheguei à amarga conclusão de que ele simplesmente não é do tipo falador.

Pior: ele leva o jogo do silêncio a um nível tão extremo que nos faz sentir menos do que a poeira nos seus sapatos de marca.

Para que conste, o meu orgulho está ferido. Normalmente, consigo fazer amizade com qualquer pessoa. Conto-lhes histórias espirituosas, sorrio e pronto — ficam rendidas.

A única exceção é esta parede de músculos de um metro e noventa.

Mas raios me partam se eu vou desistir.

Então, vasculho a minha mochila e tiro o recipiente roxo — não aquele de onde comi — e coloco-o no seu colo.

— Fiz comida a mais. Não é salada; sei que não gostas. O Jer estava esfo-meado esta manhã, por isso preparei-lhe camarões e sobramos alguns.

Na verdade, é ao contrário, e o meu irmão ficou com a porção mais pequena — desculpa, Jer —, mas o Creighton não precisa de saber disso.

Ele olha para o recipiente com aquele seu habitual ar de desaprovação. O Creighton tem uma expressão permanentemente impassível, o que torna impossível perceber o que está a sentir. É pior do que qualquer máscara e mais eficaz do que qualquer camuflagem.

E sempre que fixa o olhar em algo, nunca se sabe se está a considerar tocá-lo... ou simplesmente destruí-lo com as próprias mãos.

O meu olhar desvia-se para essas mãos que repousam despreocupadamente nos seus joelhos. A verdade é que o Creighton despertou em mim um novo fetiche — mãos.

Ou talvez já o tivesse antes e só se tornou mais evidente quando ele apareceu em cena.

Tem mãos grandes, dedos longos, cheios de veias. Veias que serpenteiam pelas costas das mãos como uma promessa de algo sinistro.

Desvio rapidamente a minha atenção delas, ou haverá um momento embaraçoso em que começarei a babar-me.

O Creighton continua a fitar o recipiente, linhas sérias vincadas na sua testa, e penso que o vai atirar fora, como fez com o meu dedo.

Mas não o faz.

Também não o abre.

Limita-se a olhar para ele sem expressão. Depois, pega no recipiente, com aquelas mãos cheias de veias curvadas sobre a tampa, e começa a levantar-se.

— Podias ter-me dito que ias fazer-me uma visita ontem à noite e eu ter-me-ia vestido para a ocasião. A menos que... quisesses ver-me meio despida?

Ele detém-se a meio do movimento, volta a sentar-se e vira lentamente a cabeça na minha direção.

O azul dos seus olhos escureceu subtilmente e aguçou-se com uma frieza cortante.

Não estou acostumada a este tipo de expressão no Creighton.

Indiferença é o máximo que costumo conseguir dele, mas isto?

É como se ele estivesse a considerar qual é a melhor maneira de me partir o pescoço.

O calor sobe-me pelo pescoço até às orelhas, e tento conter o medo que começa a corroer-me por dentro.

Esforço-me por manter o sorriso.

— Eu sei que foste tu. Olha, posso não ser a pessoa mais atenta aos detalhes, mas os teus olhos denunciaram-te. Não te preocupes, o Jeremy não faz ideia. Ele suspeitou que alguém entrou no meu quarto, mas eu consegui desviar-lhe a atenção e...

Num momento estou a falar, no seguinte uma mão espalma-se contra a minha boca.

Como ontem à noite.

Ele puxa-me bruscamente para o lado, até as minhas costas embaterem contra o pilar de madeira do gazebo. Só que, desta vez, é a mão nua dele na minha boca — e eu estou a respirar através dos dedos dele. O cheiro a fuligem e couro desapareceu.

Agora, ele cheira a roupa lavada, acabada de sair da máquina, misturada com o seu cheiro acre natural.

— O que é que tu queres?

A pergunta dele apanha-me desprevenida. Não só porque ele falou com aquele sotaque britânico grave, profundo e quente, mas também porque ele acha que estou a contar-lhe isto tudo porque quero alguma coisa.

— Mmm — murmuro contra a palma da mão dele.

— Só te deixo falar se me disseres o que queres. Se continuares a tagarelar, vou calar-te outra vez.

Aceno com a cabeça uma vez e ele solta-me lentamente. Mas, em vez de recuar, permanece ali, tão perto que mal consigo respirar.

Às vezes, acho que ele sabe exatamente que tipo de efeito é que tem nas pessoas — e em mim — e faz isto de propósito.

Entra na vida das pessoas sem ser convidado, só para deixar atrás de si um rasto de destruição.

— Porque é que foste à mansão dos Heathens ontem à noite? Porque é que incendiaste o anexo? Não sabia que tinhas algo contra o clube ou os seus membros. Nem sequer fazes parte dos Elites, então não faz sentido que tives-  
ses querido fazer isso, certo?

Ele estende de novo a mão, mas levanto as minhas, num gesto de rendição.

— OK, OK. Não é preciso voltares a calar-me, mas não posso dizer-te o que quero se tu não confessares o motivo primeiro.

Ele encara-me. Sem expressão. O seu «não» é óbvio.

Suspiro.

— Nesse caso, acho que vou ter de contar ao Jeremy que não só incendiaste a propriedade dele como entraste furtivamente no quarto da irmã dele. Que pena. Não te posso garantir que ele vá reagir com calma...

— Se lhe quisesse contar, já o terias feito. — O timbre calmo e rico da sua voz ecoa ao meu redor como uma música.

Aquela que assombra os meus momentos de vigília e sono.

— Queria apenas dar-te uma hipótese, e dei, mas tu escolheste não a aproveitar. Isso é triste. Uma última oportunidade para mudares de ideias?

— Conta-lhe.

— Tu... tu estás a fazer *bluff*.

— Tu é que estás.

— O-o quê?

— Tu odeias conflitos, tanto que te escondes deles como a Pequena Miss Avestruz. Foi também por isso que não deixaste aquele segurança entrar ontem à noite, e depois me protegeste. É completamente contrário ao teu carácter criar conflitos, por isso, sim, tu estás a fazer *bluff*, Annika.

Os meus lábios entreabrem-se.

Oh. Meu. Tchaikovsky.

Por favor, digam-me que não estou a sonhar e que ele disse mesmo um parágrafo inteiro. Ah, e ele sabe isto tudo sobre mim.

Pensava que ele não sabia nada sobre mim, muito menos sobre o meu caráter.

Talvez eu tenha subestimado a atenção que ele presta aos detalhes.

— Está bem, está bem, para já não precisas de dizer-me o motivo. Um dia, havemos de lá chegar. — Entrelaço e desentrelaço os dedos no colo. — Mas tu perguntaste-me o que é que eu quero, certo?

Ele levanta as sobrancelhas — e por que raio é que um gesto tão simples me provoca um friozinho no estômago?

Como se isso não bastasse, uma pequena parte de mim sussurra, resmunga e queixa-se do rumo que isto está a tomar.

*Não é correto e tu sabes isso.*

*Só o vais meter em sarilhos e acabarás por te arrepender.*

Mas não posso simplesmente ignorar a outra parte, aquela que anseia, que vive de ar emprestado e precisa de sentir o que é estar viva.

Não apenas fingir que estou viva, que sou popular e querida, mas realmente dar vida à minha existência protegida.

Ainda assim, a minha voz sai baixa, hesitante:

— Quero que passes uma hora comigo todos os dias. Sozinho.

— A fazer o quê?

— Não sei... qualquer coisa. Conversar, simplesmente ficarmos aqui sentados, ler, comer, talvez ir às compras... — Ele franze o sobrolho e eu recuo. — Nada de compras, entendi. Podemos ir ao cinema.

— Um filme dura mais de uma hora.

— Hum, está bem. Nada de filmes também. Mas podemos fazer tudo o resto.

— Não.

O meu coração encolhe-se dentro da caixa torácica, mas forço um sorriso.

— Porque não?

— Eu não vou sair contigo.

— Eu... eu não te estou a pedir para saíres comigo.

Está bem, talvez estivesse. Mas por que raio ele tem de ser tão frio e cruel? Não pode magoar as pessoas com um bocadinho mais de delicadeza ou algo do género?

— Tanto melhor então. — O rosto, a expressão e o tom dele estão todos presos no maldito oceano Ártico. — Não vai haver saída nenhuma.

— Hipoteticamente falando, e apenas hipoteticamente, porque esta não é uma situação real, porque é que não queres sair comigo?

Ele estende a mão para o meu rosto novamente e eu congelo quando ele me levanta o queixo com dois dedos. Uma carga de eletricidade corre por mim como uma tempestade a formar-se lentamente.

A tensão cresce, cola-se à pele e atravessa-me os ossos.

Tremo, mas, mesmo assim, não consigo desviar o olhar daqueles olhos oceânicos.

Estão escuros outra vez, uma manifestação do humor volátil do dono.

Não sei se a mudança é por minha causa ou pelo facto de me ter tocado mais nestas últimas doze horas do que em todas as semanas em que nos conhecemos.

Mas estou presa na sua teia.

Incapaz de me mexer.

Completamente apanhada pelo toque calejado dos seus dedos magros, que se cravam na minha pele sensível com a letalidade de um chicote.

Quando ele fala, as palavras baixas e profundas quase me paralisam.

— Hipoteticamente falando, tenho gostos desviantes e tendências violentas para com o sexo oposto. Tu és tão frágil que eu esmagar-te-ia num piscar de olhos.

— Como é que estás, meu anjinho?

Abano a cabeça internamente para me concentrar no rosto resplandecente da minha mãe.

Estamos a fazer uma chamada no FaceTime, como a dupla mãe-filha mais fixe de sempre, porque isso existe.

Se o Jeremy é o clone do papá, eu sou a tentativa bem-sucedida da mamã em criar uma versão 2.0. Gostava de salientar que nunca conseguiria igualar a sua elegância, mas compartilhamos os mesmos traços delicados, o cabelo castanho — embora o meu seja mais comprido — e o formato arredondado dos olhos. Embora os meus sejam mais acinzentados — como os do papá.

Os dela têm um ar mais assombrado, como se escondessem uma história trágica. E eu sei que escondem. Há muito tempo, antes de eu nascer, a minha mãe não era tão feliz como tem sido durante a minha vida.

Outra coisa em que a minha mãe será sempre melhor do que eu é no *ballet*. Lia Volkov foi uma das primeiras-bailarinas mais célebres do New York City Ballet.

Passei a minha infância a ver as suas atuações — às escondidas, porque

ela não teria gostado — e a ficar fascinada. Queria, a todo o custo, ser como ela, voar pelo céu e saber exatamente onde cair.

Já cheguei a esse ponto? Na verdade, não. Estou naquela encruzilhada em que não faço ideia se me devo concentrar na faculdade ou tentar ser bailarina profissional. Apaixonei-me pelo *ballet* à primeira vista, aos quatro anos, mas ainda me sinto mais atraída pelos estudos.

Como as bailarinas têm uma carreira profissional curta, não quero acabar sem saber o que fazer depois.

Isto, claro, se o meu futuro já não estiver decidido.

— Ah, tu sabes. O mesmo de sempre. — Faço um gesto com a mão para abranger o meu quarto na mansão dos Heathens. — A fazer de prisioneira do Jer, só porque sim. Ora é a torre de marfim, ora a gaiola dourada.

Ela faz um péssimo trabalho a esconder o sorriso.

— Isto não tem graça.

— Eu sei, eu sei. É que ficas tão adorável quando falas com todo esse sarcasmo.

— Obrigada, mas prefiro «bonita» a «adorável». Considerando o meu estatuto de estudante universitária e as minhas tentativas de parecer mais velha. E, a sério, mãe, não podias falar com o Jer para me dar alguma liberdade? Se continuar assim, vou morrer jovem e o meu fantasma vai começar a publicar vídeos inspiradores no TikTok.

As rugas do sorriso ainda permanecem no seu rosto.

— Já falei, e a resposta dele foi que está apenas a proteger-te.

— Isso é só uma desculpa para me manter presa.

— Uma desculpa com a qual o teu pai concorda plenamente. Sabes que ele não te queria fora do alcance da vista dele.

— Porque sou rapariga?

Os olhos dela suavizam-se num tom azul-claro.

— Porque ele tem muitos inimigos e está preocupado com a tua segurança. O meu lábio inferior projeta-se, num exagerado sinal de amuo.

— Então eu sou o ponto fraco dele?

— Nós os três somos. Mas também somos a força dele, Anni. Sabes disso, não sabes?

— Sei. Mas, mesmo assim, isto continua a ser uma treta.

— Eu sei. Lamento.

— Não lamentos. A culpa não é tua, e eu compreendo. É assim que as coisas têm de ser. Estou apenas a ser rabugenta. Chega de falar de mim. Como é que estão as coisas em casa? Vocês estão bem? Sentem a minha falta?

— Como loucos. Na verdade, estou a tentar convencer o teu pai a procurar

uma casa para nós na ilha de Brighton, para que possamos viver mesmo ao teu lado.

— Por favor, não. O pai vai trazer um exército inteiro atrás dele.

— Achas?

— Dah. Lembras-te da última vez que fomos à Rússia pelo Natal? Até fico arrepiada só de pensar naquela segurança toda. E quando lhe perguntei: «Não achas que isto é demais?», ele respondeu: «de forma alguma». — Imito a voz inexpressiva do meu pai e a minha mãe desata a rir-se.

Até a gargalhada dela é tão majestosa como ela.

— Tu és uma diabinha travessa.

— Mas tu continuas a adorar-me.

— Oh, sim — suspira ela, e eu também suspiro.

O pensamento que tem atormentado todos os meus momentos de vigília e sono vem à tona e eu faço uma pausa, medindo as minhas palavras.

— Mãe?

— Sim, anjinho?

— O pai está à procura de possíveis pretendentes para mim?

Uma ruga delicada aparece-lhe entre as sobrancelhas.

— O que é que te faz pensar isso?

— Não é esse o meu destino?

— Ainda és muito nova. O teu pai não te vai casar já, só tens dezassete anos.

— A caminho dos dezoito. E será que faz assim tanta diferença se o fizer agora ou dentro de uns anos?

— Oh, Anni. Foi por isso que estavas tão determinada a ir para a faculdade? Pensaste que só tinhas mais uns anos antes de te confiscarem a liberdade?

— Não é esse o caso?

— O Adrian nunca te obrigaria a casar com alguém contra a tua vontade. Tens assim tão pouca fé no teu pai?

— Tenho pouca fé no mundo dele. No *nosso* mundo. As mulheres não passam de adereços vistosos e moeda de troca para quem der mais. Estou ciente de que esperam que eu fortaleça as alianças da Bratva com quem considerarem digno.

— Teriam de me matar antes, porque eu nunca deixaria que te usassem como um peão.

— Obrigada, mãe. Mas eu não quero ser a razão por trás do infortúnio da nossa família. Quando o *Pakhan* ordenar ao pai que me case com um dos filhos de outro líder ou com alguém de uma das organizações criminosas, a única coisa que ele pode fazer é obedecer.

— Ele não o fará.

— Então será rotulado como traidor e expulso.

— Anni...

— Está tudo bem, mãe. Já há muito tempo que fiz as pazes com esse destino. Bom, não exatamente as pazes. É mais compreensão, acho eu.

— Não, não está tudo bem. — Ela aproxima-se mais do telefone, com uma expressão séria. — Sim, o mundo em que vivemos é cruel, mas isso não significa que o teu pai e eu não te vamos defender. Além disso, se te apaixonares, quem é que ousaria obrigar-te a casar com um estranho?

Os meus lábios entreabrem-se.

*É isso.*

Como é que eu nunca pensei nisto antes? Bom, já pensei, mas nunca achei que fizesse diferença.

Isto é, até a minha mãe o confirmar.

O meu pai não me obrigaria a casar com alguém contra a minha vontade, mas ficaria mais convencido se eu realmente tivesse um namorado.

Nunca tive um. Como é óbvio, namorisquei e fiz o máximo de amigos possível, mas nunca oficializei nada. Isso implicaria colocar o pobre rapaz em confronto direto com o meu pai, o Jeremy e os seus seguranças igualmente implacáveis.

Só de pensar no rosto carrancudo do Kolya, o segurança que trabalha há mais tempo para o meu pai, até me dá um arrepio. Ele faria o pobre rapaz em pedaços antes mesmo de ele poder apresentar-se ao meu pai.

*Caramba.*

Mas, se for essa a forma de escapar ao meu destino cruel e pré-definido... talvez valha a pena tentar.

— Anni? Ainda está aí? — A voz da minha mãe arranca-me dos meus pensamentos.

— Hã, sim. Que foi?

— Não contes ao teu pai o que acabaste de me dizer, ou ele vai ficar chateado.

— Ficar chateado com o quê?

O rosto da minha mãe ilumina-se com um sorriso largo quando ele se aproxima por trás dela, se inclina e lhe beija o topo da cabeça.

*Desfaleço.*

Quero um homem como o papá. Sim, ele é frio com toda a gente e ninguém quereria encontrá-lo num beco escuro — nem sequer à luz do dia —, mas sempre tratou a minha mãe como uma rainha.

O centro do universo dele.

A pessoa que dissipa a escuridão que o habita.

Ele acaricia-lhe a bochecha.

— Estava à tua procura, Lenchka.

— Só me ausentei meia hora.

— Mesmo assim, é muito tempo.

— Uh, olá? Eu estou aqui, pessoal. Obrigada por terem reparado.

O meu pai finalmente olha para o telefone que a minha mãe está a segurar e sorri.

Ou o mais próximo de um sorriso que um líder mafioso durão pode ter.

Não me interessa o que digam. Aqueles otários da Bratva de Nova Iorque já tinham ido todos à vida, se não fosse o cérebro estratégico do meu pai.

— Anoushka, não é tarde aí?

— Não, e não me vais despachar para ficares sozinho com a mãe, pai. A sério, estou magoada.

— Estás a ser dramática. Há meia hora que estás a falar com ela.

— Mas, pai!

— Boa noite, Anoushka. Nós amamos-te.

Ele tira o telefone da mão da minha mãe e ela ri-se, depois solta um grito quando a linha é cortada.

*Ótimo.* Agora, sei o que é que os meus pais vão fazer esta noite.

Deixo-me cair na cama e fico a olhar para os objetos roxos brilhantes pendurados no teto.

A minha mente enche-se de todo o tipo de pensamentos. O primeiro é que tenho de encontrar uma maneira de escapar ao meu destino.

Está bem, talvez não seja o primeiro. Porque, desde ontem, não consigo parar de pensar nas palavras do Creighton.

*Tendências violentas.*

*Gostos desviantes.*

Ainda consigo sentir a sua voz profunda contra o meu ouvido e o arrepio furioso que tomou conta de mim logo a seguir.

Definitivamente, não era aquilo que esperava ouvir de alguém como o Creighton. Ele podia estar a mentir, mas não tinha motivos para isso.

Além disso, ele é demasiado direto.

Fiquei tão atordoada que só caí em mim quando ele pegou no almoço que eu tinha preparado e saiu do gazebo a passo tranquilo.

Na verdade, ainda estou atordoada.

Aquela foi, claramente, a maneira de ele me avisar para ficar longe. Então por que raio estou ainda mais curiosa?

O que é que um jovem de vinte anos considera desviante e retorcido?

Acho que só há uma maneira de descobrir.